

A noção de felicidade (Glück) em Schopenhauer a partir dos pontos de vista metafísico e prático

Willian dos Santos Godoi*

Resumo:

O presente artigo pretende identificar e analisar a noção de felicidade (Glück) com base no pensamento do filósofo Arthur Schopenhauer. Consideraremos a felicidade paralelamente a alguns conceitos gerais, em vista do entendimento da noção em relação ao ponto de vista metafísico da obra principal de Schopenhauer “O mundo como Vontade e como representação” (1819), e, em seguida, uma mudança de abordagem filosófica operada pelo autor, ao procurar de uma maneira prática, tratar a questão da felicidade em sua obra “Aforismos para a sabedoria de vida” (1851), levando em consideração o chamado “desvio da metafísica”, para um melhor entendimento da ideia de felicidade a partir das duas obras selecionadas.

Palavras-chave: Felicidade, Vontade, Sabedoria de Vida.

The notion of happiness to Schopenhauer from the metaphysical and practical points of view

Abstract:

This article aims to identify and analyze the notion of happiness (Glück) based on the thought of the philosopher Arthur Schopenhauer. We will consider the happiness alongside with some general concepts, in view of the notion understanding in relation to the metaphysical point of view of the main work of Schopenhauer "The World as Will and Representation" (1819), and then the change of philosophical approach operated by the author when looking in a practical way, address the issue of happiness in his "Aphorisms on the wisdom of life" (1851), taking into account the so-called "deviation of metaphysics" to a better understanding of the idea of happiness from the two works selected.

Key-words: Happiness, Will, Wisdom of life.

* Mestrando na linha de Ontologia e Epistemologia do Programa de Pós-Graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR) Email: willian.filosofia@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O conceito de felicidade (Glück) no pensamento de Arthur Schopenhauer (1788 - 1860) pode ser demarcado por um *antes e depois* do chamado “desvio da metafísica”. O *antes* seria o conceito de felicidade apresentado na obra magna do pensador alemão *O mundo como vontade e como representação (1819)* (doravante, apenas *O Mundo*), marcada especialmente por um “pessimismo metafísico”, em que a felicidade não poderia ser entendida em sentido positivo. Schopenhauer atesta que no mundo haveria um princípio denominado de Vontade que seria irracional, autodiscordante, insatisfeito, que se manifestaria na natureza e atingiria seu maior grau de objetividade no ser humano.

Esse princípio, que quer sempre se afirmar de maneira a mais perfeita possível, acabaria negando e aniquilando a forma mais baixa desse fenômeno, sendo que por sua vez esse fenômeno lutaria para continuar existindo, e isso acabaria ocasionando um conflito na natureza, entre os graus mais baixos e os mais elevados de objetivação da Vontade. O homem estaria entre esse conflito e por onde quer que olhasse veria sofrimento por todo lado. O homem só poderia se encontrar livre da inevitável realidade dolorosa da existência humana pela negação da Vontade, que poderia ocorrer pela contemplação estética, pela paixão e pelo ascetismo, ou basicamente, por uma renúncia de si mesmo e da Vontade egoística de cada indivíduo. O *depois*, do chamado “desvio da metafísica”, é baseado justamente em uma “segunda parte” dos pensamentos de Schopenhauer em relação ao conceito de felicidade, que podem ser encontrados especialmente nos *Aforismos para a sabedoria de vida (1851)* (doravante, apenas *Aforismos*).

Nos citados aforismos, Schopenhauer não desconsidera seu pensamento ético-metafísico apresentado em *O mundo*, porém, deixa-o suspenso ou entre parênteses, e passa então a

desenvolver outro ponto de vista filosófico baseado em uma *eudemonologia* (teoria da felicidade), em que o autor apresenta a denominada sabedoria de vida, que poderia ser definida como a arte de conduzir a vida da maneira mais agradável e feliz possível. Nosso objetivo é conceituar a felicidade para Arthur Schopenhauer, levando em consideração o “antes” apresentado pela obra *O mundo* e o “depois” apresentado nos *Aforismos*.

1 – O CONCEITO DE “VONTADE” COMO ESSÊNCIA ÍNTIMA DO MUNDO

Em “O mundo como vontade e como representação”, Schopenhauer afirma que a essência do mundo é a Vontade, um princípio irracional e sem fundamento que poderia ser entendida nos moldes da coisa-em-si de Kant. Cacciola afirma que: “É de se supor que Schopenhauer tenha, do mesmo modo que Kant tomado o mundo ‘em dupla significação’, seja como ‘representação’ que para ele é o mesmo que o fenômeno, seja como ‘Vontade’ [...]”¹²⁷, que seria o mesmo que a coisa-em-si. Não podemos conhecer a essência do mundo, pelo fato de a Vontade não estar submetida ao princípio de razão. O que estaria submetido ao princípio de razão seria a objetividade da Vontade que por sua vez, seriam todos os fenômenos e objetos que existem no mundo, e que poderiam ser intuídos por nós através do nosso entendimento. O fenômeno que existiria no mundo como objetividade da Vontade seria inteiramente submetido ao princípio de razão.

Schopenhauer ao argumentar sobre a inteira liberdade da Vontade – em contraposição ao caráter determinado do fenômeno - afirma que “[...] a necessidade é algo absolutamente idêntico a consequência a partir de um fundamento dado”¹²⁸, e ainda que

¹²⁷ CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 23.

¹²⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução de Jair Barboza.

todo o fenômeno, ou seja, tudo aquilo que seria objeto para um sujeito, seria por um lado fundamento e por outro lado consequência, isto é, o fenômeno apreendido pela sensibilidade seria uma manifestação dessa Vontade que é livre, e também, contingente em relação a existência dessa entidade metafísica, pois o fenômeno necessita da Vontade para poder ser. O fenômeno é consequência de algo, logo, é algo determinado com absoluta necessidade, e não poderia ser outra coisa que não seja absolutamente aquilo que ele é. A Vontade por sua vez, não está submetida ao princípio de razão, que é aquilo que dá forma a todo o objeto. E, “portanto, não é determinada como consequência por um fundamento, logo, não conhece necessidade; em outras palavras, é LIVRE”¹²⁹. Desse modo, o conceito de liberdade pode ser entendido somente em um sentido negativo, pois ela é “[...] tão-somente a negação da necessidade, isto é, da relação de consequência a seu fundamento [...]”¹³⁰. O homem também seria objetividade da Vontade, portanto aqueles preceitos sobre a necessidade e a consequência do fenômeno, se ajustariam também ao homem. Visto que:

assim como cada coisa na natureza tem suas forças e qualidades que reagem de determinada maneira em face de determinada impressão, e constituem o seu caráter, também o homem possui o seu CARÁTER, em virtude do qual os motivos produzem suas ações com necessidade.¹³¹

Segundo Schopenhauer, o caráter inteligível seria a Vontade em si, enquanto o caráter empírico seria o fenômeno do caráter inteligível que se expõe em seu modo de ação e corporização, no tempo e no espaço. O caráter inteligível deve ser entendido como algo:

extratemporal, indivisível e imutável da Vontade, cujo fenômeno, desenvolvido e espreado no tempo, no espaço e em todas as formas do princípio de razão, é o caráter empírico na medida em que este se expõe

São Paulo: Unesp, 2005, p. 371.

¹²⁹ Ibid., p. 372.

¹³⁰ Ibid., p. 372.

¹³¹ Ibid., p. 372.

conforme a experiência, vale dizer, no modo de ação do decurso da vida do homem.¹³²

Veremos a importância de compreender a objetividade da Vontade no homem, para então podermos entender a questão da felicidade em Schopenhauer, segundo seu ponto de vista metafísico.

1.1 A OBJETIVIDADE DA VONTADE NO HOMEM E A NEGAÇÃO DA VONTADE

É justamente no homem que a Vontade alcançaria seu maior grau de objetividade: “Nos mais altos graus de objetividade da Vontade, especialmente no homem, vemos aparecer significativamente a individualidade em grande diversidade de caracteres individuais, noutros termos como personalidade completa [...]”¹³³. Schopenhauer faz inclusive, uma comparação entre homens e animais, e aponta que nos animais pode-se conhecer o caráter psicológico da espécie e saber qual o comportamento do indivíduo, enquanto na espécie humana “[...] cada individuo tem de ser estudado e fundamentado por si mesmo.”¹³⁴. Desse modo:

enquanto cada homem deve ser visto com um fenômeno particularmente determinado e característico da Vontade, em certa medida até mesmo como uma Ideia própria, nos animais, ao contrário, o caráter individual falta por completo, posto que apenas a espécie possui significação própria. Quanto mais o animal encontra-se afastado do homem, tanto menor é nele o vestígio de caráter¹³⁵.

¹³² Ibid., p. 375.

¹³³ Ibid., p. 193.

¹³⁴ Ibid., p. 193.

¹³⁵ Ibid., p. 193.

O que devemos entender é que para Schopenhauer, existiria uma espécie de hierarquia em relação à interação entre a Vontade e os objetos, sendo que nas plantas, cristais e semelhantes, a Vontade se manifesta de maneira mais fraca, e nos animais e principalmente no homem, ela se manifestaria de maneira mais forte ou intensa. E a Vontade busca se afirmar justamente no grau mais elevado, em detrimento e se possível com a anulação do mais baixo grau de sua própria objetividade, pois:

quando os muitos fenômenos da Vontade entram em conflito nos graus mais baixos de sua objetivação, portanto no reino inorgânico, quando cada um quer apoderar-se da matéria existente servindo-se do fio condutor da causalidade, desse conflito resulta o fenômeno de uma Ideia mais elevada, que domina todos os fenômenos mais imperfeitos preexistentes; todavia, de tal maneira que deixa subsistir a natureza dos mesmos de um modo subordinado, já que absorve em si um análogo deles. Semelhante processo só é concebível pela identidade da Vontade que aparece em todas as Ideias e pelo seu esforço em vista de objetivações cada vez mais elevadas¹³⁶.

A Ideia ou a objetivação da Vontade mais elevada só pode surgir se dominar uma objetivação mais baixa, sendo que as objetivações mais baixas resistirão à objetivação das mais fortes, e então, podemos ver que “[...] em toda parte na natureza vemos conflito, luta e alternância de vitória, e aí reconhecemos com distinção a discórdia essencial da Vontade consigo mesma.”¹³⁷. De forma resumida, Schopenhauer afirma que esse conflito pode ser observado em toda a natureza e se expressa de forma mais clara na mais alta objetivação da Vontade, ou seja, na espécie humana, pois podemos perceber que:

o gênero humano, por dominar todas as demais espécies, vê a natureza como um instrumento de uso [...] manifesta em si próprio aquela luta, aquela autodiscórdia da Vontade da maneira mais clara e terrível quando o homem

¹³⁶ Ibid., p. 208.

¹³⁷ Ibid., p. 211.

se torna o lobo do homem.¹³⁸

A luta que a Vontade tem de travar consigo mesma, se refere as “[...] diversas forças naturais e forças orgânicas que disputam entre si a matéria, na qual querem entrar em cena [...] e como isso, perpetua-se uma luta contínua de vida e morte.”¹³⁹. A essência da Vontade é o esforço, e quando um grau de objetivação da Vontade gera resistência para não ser anulada pelo esforço da mais forte, percebemos que as duas formas de objetivação se esforçam, ambas, para se manterem vivas. A resistência de uma é um obstáculo para a outra, e desses obstáculos resultaria o sofrimento, sendo que Schopenhauer afirma que “nomeamos o SOFRIMENTO a sua travessão por um obstáculo [...]”¹⁴⁰. Logo, se em toda a natureza vemos a luta e o conflito entre as objetivações da Vontade, e se em toda luta encontramos uma objetividade da Vontade resistindo aos esforços de outra, e se toda a resistência gera sofrimento, conclui-se disso que toda a natureza é sofrimento, ou, como formula o próprio Schopenhauer: “TODA VIDA É SOFRIMENTO”¹⁴¹. Cabe ressaltar que para o filósofo, o sofrimento é entendido como a própria essência da vida, pois o sofrimento está intimamente ligado à essência íntima da realidade. A alcunha de pessimista impingida a Schopenhauer deve-se principalmente à leitura que dele fez Nietzsche. Em *Ecce Homo* (1908), Nietzsche afirmou que Schopenhauer espalhou pela humanidade o seu “perfume fúnebre”^{142 143}.

O homem se encontra em meio a todo esse sofrimento, e como ele também é objetivação da Vontade, pareceria impossível - ao menos desse ponto de vista metafísico - se atingir a felicidade. Schopenhauer entenderia a felicidade como a satisfação de desejos, porém o

¹³⁸ Ibid., p. 211-212.

¹³⁹ Ibid., p. 398.

¹⁴⁰ Ibid., p. 399.

¹⁴¹ Ibid., p. 400.

¹⁴² Cf., por exemplo, NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 59.

¹⁴³ Se Nietzsche está certo ao afirmar que Schopenhauer é pessimista, também é certo afirmar que Schopenhauer a partir de seus *Aforismos*, tratou de uma “Eudemonologia”, isto é, um pequeno tratado que fala sobre a felicidade. É justamente sobre a noção de felicidade, entendida nos *Aforismos*, que trataremos no desenvolver desse artigo.

estado de satisfação duraria pouco, pois após nos satisfazermos com aquilo que desejávamos, a satisfação acabaria e retornaríamos ao estado inicial. Conforme a metáfora do pensador, "para cada desejo satisfeito, há mais dez na fila a espera do mesmo fim".

A única maneira apresentada por Schopenhauer de fugirmos dessa realidade dolorosa seria pela negação da Vontade, que poderia acontecer de três maneiras: 1º) pela intuição estética, instância onde, mesmo que por poucos instantes, a contemplação do belo requereria a supressão da individualidade do sujeito pela suspensão momentânea do egoísmo, já que ao contemplar a Ideia do belo, o sujeito contempla algo que não pode se encontrar sobre a regência do princípio de razão, sendo que do resultado dessa supressão aconteceria uma junção entre sujeito que contempla o belo e o objeto contemplado, que acabaria resultando no esquecimento do sujeito por ele mesmo, e, em todo caso, desviando-se um pouco da Vontade. 2º) pelo sentimento da compaixão, que também resultaria na negação do egoísmo e da vontade individual. Neste caso, acessariamos as necessidades dos outros como se fossem necessidades nossas. O egoísmo típico da Vontade seria suprimido se, por um conhecimento do todo da vida, ou seja, desprendido das formas do *principium individuationis*, enxergássemos o outro como nós mesmos, pois deixaríamos de afirmar a nossa individualidade, e teríamos uma identificação com o outro, nos moldes da fórmula sânscrita *tat-tvam-asi* (tu és isto), recorrente nos textos de Schopenhauer. Porém, esse estado de compaixão, apesar de ser comum, também dura pouco, visto que "não podemos entrar na pele do outro". 3º) Pelo ascetismo místico: a atitude do asceta, apesar de rara, é uma de recusa intencional da Vontade. A semelhança entre essas três maneiras de negação da Vontade é a de que elas exigem a negação do próprio indivíduo e das suas vontades egoístas de afirmar a própria vida. No entanto, estas formas de negação da vontade não dizem respeito ao alcance da felicidade, mas justamente o contrário: são modos diversos de negação desinteressada de si mesmo e da vontade individual e egoísta.

2 O “DESVIO DA METAFÍSICA” E A NOÇÃO DE FELICIDADE A PARTIR DOS “AFORISMOS PARA A SABEDORIA DE VIDA”

Entretanto, o pensamento de Schopenhauer oferece-nos outra forma de se pensar (e alcançar) a felicidade. E é em vista deste propósito que o filósofo elabora o que chamou de "desvio da metafísica", que não seria contraditório em relação à sua metafísica do sofrimento do mundo, e pode ser caracterizado pela indicação de máximas de sabedoria de vida, que são apresentadas de forma sistemática nos seus *Aforismos*.

Neste escrito dos tardios *Parerga e paralipomena*, Schopenhauer desenvolve e sistematiza uma *eudemonologia* (teoria da felicidade) peculiar, principalmente se considerarmos que se trata da *eudemonologia* de um metafísico pessimista. Logo na Introdução, deixa claro que toma o conceito de sabedoria de vida (*Lebensweisheit*), no sentido de conduzir a vida do modo mais agradável e feliz possível, sendo a felicidade um conceito negativo, eufemístico. Quanto ao "desvio" de exposição em relação à sua obra principal, Schopenhauer escreve: “Para poder abordar o tema, tive de desviar-me totalmente do ponto de vista superior, ético-metafísico, ao qual conduz a minha filosofia propriamente dita.”¹⁴⁴. Schopenhauer não desconsidera seu ponto de vista metafísico, mas o deixa suspenso, para poder abordar, outro ponto de vista filosófico, e justamente esse é o “desvio da metafísica”. Nas palavras de Debona¹⁴⁵: “[..] o filósofo opera um ‘desvio’ do seu ponto de vista ético-metafísico para poder tratar da sabedoria de vida, uma estratégia metodológica na qual se pode reconhecer a preocupação do pensador em não contradizer [...]” seu sistema metafísico.

¹⁴⁴ SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 2.

¹⁴⁵ DEBONA, Vilmar. *A outra face do pessimismo: Entre radicalidade ascética e sabedoria de vida*. São Paulo: USP, 2013. Tese (doutorado em filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013, p. 188.

O essencial da mensagem schopenhaueriana pode ser captado no sentido de que, muito embora a Vontade seja sem-fundamento e, no caráter individual, manifeste esta mesma natureza, fazendo com que o indivíduo oscile constantemente entre dor e tédio, mesmo assim é possível viver com prudência, galgando uma "felicidade relativa", desde que baseemos nossas ações em máximas de sabedoria. O capítulo V dos *Aforismos* é particularmente dedicado a estas máximas e divide-se em máximas gerais e em máximas que concernem à nossa conduta em relação a nós mesmos, aos outros e, por fim, ao curso do mundo e do destino. Vou citar alguns exemplos destas máximas, de modo que fique mais claro a proposta de Schopenhauer nos *Aforismos*. Como máxima suprema de toda sabedoria, Schopenhauer cita uma formulação de Aristóteles, da *Ética a Nicômaco*: “O prudente aspira não ao prazer, mas à ausência de dor”. Para Schopenhauer, todo o prazer e toda a felicidade são de natureza negativa, conforme já havia exposto sob o ponto de vista metafísico de *O mundo*. Somente a dor é de natureza positiva, pois:

quando nosso corpo inteiro se encontra saudável e intacto, mas apresenta uma parte ferida ou dolorida, então a consciência deixa de perceber a saúde em geral para dirigir sua atenção constantemente para a dor da parte ferida, e a sensação de bem-estar vital é anulada por completo¹⁴⁶.

Isso significa que se tudo aquilo que desejarmos for satisfeito, e uma pequena aspiração não for exitosa, então esta pequena coisa virá sempre à nossa cabeça, a despeito de tudo aquilo em que obtivemos êxito. Quando não conseguimos o que queremos, a vontade é lesionada, pois existe algo que a bloqueia, e esse algo é positivo, pois o percebemos de imediato. Dessa forma, “todo prazer consiste apenas na supressão desse bloqueio, em liberar-se dele. Logo, é de curta duração”¹⁴⁷. E é aqui que podemos perceber a importância da máxima aristotélica, sendo que para se ser feliz é necessário que voltemos nossa atenção não para os prazeres da vida, e sim para poder escapar dos seus

¹⁴⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2009, p. 140.

¹⁴⁷ *Ibid.*, p. 141.

diversos males. Portanto, considera o pensador, “quem quiser obter o balanço da própria vida em termos eudemonológicos, deve fazer a conta não segundo os prazeres que fruiu, mas segundo os males do que fugiu”¹⁴⁸. Não podemos viver totalmente felizes, mas podemos viver de maneira menos infeliz, ou de maneira relativamente cômoda.

Outro aforismo que poderia ser tomado como o guia para uma vida menos infeliz é o de que não devemos construir nossa felicidade sob um alicerce que poderá desmoronar a qualquer momento. Devemos ser cautelosos e “reduzir ao máximo as expectativas em relação aos nossos meios, sejam eles quais forem [...], o caminho mais seguro para escaparmos de uma grande infelicidade”¹⁴⁹. Criamos expectativas sobre como viveremos o futuro, e, para tanto, acabamos fazendo demasiados preparativos para a vida. No entanto, quem cria muitas expectativas está mais suscetível a viver uma vida infeliz. Schopenhauer fala aqui da sabedoria de vida, que nada mais seria do que conduzir a vida do modo mais agradável e feliz possível. Essa sabedoria pode ser identificada no seguinte aforismo:

Assim como o trabalhador que ajuda a erguer um edifício não conhece o plano do conjunto ou não o tem sempre presente, o mesmo se dá com o homem enquanto consome cada dia e cada hora de sua existência, em relação ao conjunto e ao caráter de sua vida. Quanto mais esse caráter for digno, significativo, sistemático e individual, tanto mais necessário e benéfico para ele será, de tempos em tempos, dar uma olhada em seu esboço reduzido, isto é, no plano de sua vida¹⁵⁰.

Para que o homem possa olhar para trás, para poder ter consciência do que ele criou e do percurso já percorrido, é necessário um significativo conhecimento de si, que, no sentido da noção schopenhaueriana de caráter adquirido, consiste em saber o que se quer; e ainda é preciso saber o que é essencial para a felicidade individual.

¹⁴⁸ Ibid., p. 141.

¹⁴⁹ Ibid., p. 149.

¹⁵⁰ Ibid., p. 152.

Assim como o andarilho precisa subir num cume para ter uma visão panorâmica do caminho percorrido e reconhecê-lo como um conjunto, com todas as suas voltas e tortuosidades, nós também só reconhecemos a verdadeira concatenação de nossas ações, realizações e obras, a sua coerência precisa e seu encadeamento, além de seu valor, ao final de um período de nossa vida ou até mesmo da vida inteira. Pois enquanto tudo isso nos ocupa, agimos segundo as qualidades fixas de nosso caráter, sob a influência dos motivos e segundo a medida de nossas capacidades, isto é, sempre com necessidade absoluta, já que em cada situação, fazemos simplesmente o que, naquele momento, parece-nos justo e apropriado. Só o resultado nos mostrará o que adveio de tudo isso, e só o olhar lançado para trás sobre o conjunto, nos mostrará o como e o modo pelo qual. [...] Só mais tarde, a partir da concatenação do conjunto, é que nosso caráter e as nossas capacidades aparecem em plena luz¹⁵¹.

Se em *O mundo como Vontade e como representação*, a razão serviria apenas para ponderar e formar conceitos, aqui nos *Aforismos*, essa mesma razão poderia ponderar sobre a própria vida, em vista de uma felicidade possível, ou um bem específico, que no caso consistiria em conduzir a vida de modo mais agradável e feliz possível.

Além das noções de caráter inteligível e de caráter empírico, há também o caráter adquirido, que está em perfeita sintonia com a sabedoria de vida. Podemos afirmar que o caráter adquirido representa uma mediação entre o caráter inteligível e o caráter empírico, pois se o caráter inteligível, assim como a Vontade, é livre, enquanto o caráter empírico, está sujeito ao princípio de razão, portanto é necessário, o caráter adquirido não se limita a nenhuma destas duas condições. Com ele, os indivíduos não precisariam ser apenas o que a Vontade lhes outorgou sem um consentimento prévio, mas poderiam gozar de uma certa liberdade no sentido de ainda conseguirem “[...] equilibrar-se entre o seu destino traçado e um ‘modo adequado’ de se viver, isto é, procurar uma atmosfera

¹⁵¹ Ibid., p. 153-154.

favorável para exercer o que se é e expor o seu caráter inteligível.”¹⁵². O caráter adquirido se dá com a vivência no mundo, sendo conquistado pela experiência, socialmente e obtido através de múltiplas vivências. Ele requer autoconhecimento, este que só pode ser conseguido:

com o decorrer do tempo e garantirá uma vivencia sábia e menos dada ao destino em meio a outros caracteres. Assim, as escolhas no decorrer da vida serão favoráveis ao que se é, dado que se tem consciência de um caráter. Caso contrário, as opções e escolhas podem levar ao arrependimento e ao sofrimento desnecessários; vive-se uma vida que, de certa forma, não é a própria vida¹⁵³.

De modo, então, que após se ter autoconhecimento, o homem saberia o que é bom para ele mesmo, podendo empregar de maneira mais efetiva os conceitos e máximas para uma melhor "acomodação" nesse mundo de dores e sofrimentos. Os Aforismos “[...] são, em verdade, um “manual de prudência” para o homem afirmar menos a Vontade e, assim, sofrer menos. Desse modo, se a metafísica pessimista é o pano de fundo, não se teme em falar, por outro lado, de uma felicidade possível.”¹⁵⁴. No mundo em eterno conflito e constituído pela Vontade cega e incessante, que faz o homem oscilar entre a dor e o tédio, ainda é possível, mediante o conhecimento de si mesmo e a adoção de certas máximas de vida, desviar-se do sofrimento, de modo a se conduzir a vida da maneira mais feliz possível.

CONCLUSÃO

Com esse artigo, procuramos apresentar a noção de felicidade para Schopenhauer a partir de duas obras do autor: *O mundo como vontade e como representação* (1819) e

¹⁵² DEBONA, Vilmar. *Schopenhauer e as formas da razão: O teórico, o prático e o ético-místico*. São Paulo: Annablume, 2010, p. 67.

¹⁵³ Ibid., p. 69.

¹⁵⁴ Ibid., p. 59.

Aforismos para a sabedoria de vida (1851). Podemos concluir considerando que a felicidade sob o ponto de vista metafísico seria reconhecida como uma felicidade em sentido negativo, visto que o homem nunca poderia alcançá-la, exceto pela intuição estética, pela compaixão e pelo ascetismo, que nada mais seriam do que a negação egoística da Vontade, o que para o autor seria a principal causa do sofrimento do homem. Por outro lado, pudemos analisar que Schopenhauer apresenta, em seus escritos tardios, outra forma de compreender a felicidade. Essa outra abordagem, refere-se àquilo que o autor denominou de “desvio da metafísica”. Com esse desvio, Schopenhauer não nega que a felicidade só poderia ser entendida de modo negativo, como ele teria afirmado nos primeiros escritos, mas sim, que esse desvio deve ser entendido como uma suspensão ou um parêntese em relação ao seu ponto de vista ético-metafísico.

Nos *Aforismos para a sabedoria de vida* Schopenhauer apresenta uma forma “prática” de se abordar o conceito de felicidade, sendo que essa praticidade se basearia na capacidade do homem decidir sua ação no mundo através de máximas de sabedoria de vida indicadas pelo autor.

Se partirmos do ponto de vista metafísico, então, a nossa resposta definitiva sobre o conceito de felicidade seria a de que é impossível alcançá-la. Ao analisarmos o ponto de vista do “desvio da metafísica”, apresentado na obra *Aforismos para a sabedoria de vida*, continuaríamos concluindo que a alcançar a felicidade ainda é impossível. Entretanto, ainda que a felicidade permaneça impossível, Schopenhauer nos apresenta a possibilidade de levarmos ao menos uma vida menos infeliz. A intenção dessa obra é justamente mostrar que através de máximas de vida, o homem pode conduzir a vida de maneira menos infeliz possível. Schopenhauer nos apresenta uma diversidade de máximas e conselhos para a conquista da sabedoria de vida que tem como finalidade explícita a oferta de conselhos e orientações para o indivíduo enfrentar seus infortúnios e tristezas. As máximas para a sabedoria de vida podem ser entendidas como uma maneira prática do homem se portar no mundo, agindo da maneira que fosse melhor

para passar pela vida sem sofrer muitas moléstias.

REFERENCIAS

CACCIOLA, Maria Lúcia Mello e Oliveira. *Schopenhauer e a questão do dogmatismo*. São Paulo: EDUSP, 1994.

DEBONA, Vilmar. *A outra face do pessimismo: Entre radicalidade ascética e sabedoria de vida*. São Paulo: USP, 2013. Tese (doutorado em filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

_____. *Schopenhauer e as formas da razão: O teórico, o prático e o ético-místico*. São Paulo: Annablume, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de ser feliz*. Organização e ensaio de Franco Volpi; Tradução de Marion Fleischer e Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Aforismos para a sabedoria de vida*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.